

- 263 — *está por tá*. Idem vv. 288, 438.
 264 — *seu*, i.e., senhor.
 282 — sem DÚVIDA exame não fez.
 286 — encontrou SUA mãe chorando.
 293 — Não foi possível atinar com a leitura do verso.
 298 — (o) mesmo bom Deus de bondade.
 307 a 312 — Notar as rimas *tarde, de balde e novidade*.
 322 — disse eu dormirei (hoje) aqui.
 332 — quando de súB[1]TO chegou.
 346 — Notar a soldadura do *se* ao verbo juntar, discordando, assim, do *vamos*.
 381 — *observando*. Leia-se o-bi-ser-van-do.
 418 — (o) Sultão perguntou ao Grilo.
 478/479 — Notar a rima *verso e progresso*.
 485/486 — Notar a rima *silêncio e imenso*.
 492 — *dar por dá*, ultracorreção.
 506/507 — Notar a rima *exato e alto*.
 543 — andando c(om) u(m)a perna só.
 557 — outros chamava(m va)galume: haplologia.
 569 — SUAS LÁGRIMAS têm paladar.
 578 — escondeu (u)ma bacorinha.
 586 — *objeto*. Leia-se o-bi-je-to.
 588 — ne(m) é grande nem é pequeno.
 620 — um pacotin(ho) de xinica; *xinica*, fezes, pelo contexto.
 628 — *profetezou por profetizou*.
 641 — Parece ter havido um salto entre o fim desta estrofe e o começo da outra, do mesmo modo que depois do v. 704.
 734 — No original *reinado*.
 750 — *decepção*. Leia-se de-ce-pi-ção.
 828/829 — Notar a rima *sopa e roupa*.

O BOI MISTERIOSO

LEITOR vou narrar um fato
 de um boi da antiguidade,
 como não se viu mais outro
 até a atualidade
 5 aparecendo hoje um desse,
 será grande novidade.

Durou vinte e quatro anos
 nunca ninguém o pegou,
 vaqueiro que tinha fama
 10 foi atrás dele chocou
 cavalo bom e bonito,
 foi lá porém estancou.

Diz a história: ele indo
 em desmedida carreira,
 15 se acaso engalhasse um chifre
 num galho de catingueira
 conforme fosse a vergôntea,
 arrancava-se a touceira.

Ele nunca achou riacho
 20 que de um pulo não saltasse,
 e nunca formou carreira
 que com três léguas cansasse
 como nunca achou vaqueiro,
 que dele se aproximasse.

25 Muitos cavalos de estima
 atrás dele se acabavam,
 vaqueiros que em outros campos
 até medalhas ganhavam
 muitos vendiam os cavalos,
 30 e nunca mais campeavam.

É preciso descrever
 como foi seu nascimento,
 que é para o leitor saber
 ter melhor conhecimento
 35 conto o que contou-me um velho,
 cousa alguma eu acrescento.

Já completaram trinta anos
 eu estava na flor da idade,
 uma noite conversando
 40 com um velho da antiguidade
 em conversa ele contou-me,
 o que viu na mocidade.

Foi em mil e oitocentos
 e vinte e sete esse caso,
 45 na época em que o povo
 só conhecia o atraso
 quando a ciência existia,
 porém trancada num vaso.

No sertão de Quixelou
50 na fazenda Santa Rosa,
no ano de vinte e cinco
houve uma seca horrorosa
ali havia uma vaca,
chamada "Misteriosa".

55 Isto de misteriosa
ficou o povo a chamar,
porque um vaqueiro disse
indo uma noite emboscar
uma onça na carniça,
60 viu isso que vou narrar.

Era meia-noite em ponto
o campo estava esquisito,
havia até diferença
nos astros do infinito
65 nem do nambu esta hora,
se ouvia o saudoso apito.

Disse o vaqueiro: eu estava
em cima de um arvoredor,
quando chegou essa vaca,
70 que me causou até medo
depois chegaram dois vultos,
e ali houve um segredo.

O vaqueiro viu que os vultos
eram de duas mulheres,
75 uma delas disse à vaca:
partes por onde quiseres
eu protegerei a ti,
e o filho que tiveres.

Ali o vaqueiro viu
80 um touro preto chegar,
então disseram os vultos:
— são horas de regressar
disse o touro: montem em mim
que o galo já vai cantar.

85 Aí clareou a noite
o vaqueiro pode ver,
eram duas moças lindas
que mais não podia haver
o touro era de uma espécie,
90 que ele não soube dizer.

Ele viu elas montarem-se
viu quando o touro saiu,
a vaca se ajoelhou
e atrás delas seguiu
95 depois veio a onça e ele,
atirou-lhe ela caiu.

Por isso teve essa vaca
daí em diante esse nome,
uns chamavam-na Feiticeira
100 outros a vaca lubisomem
diziam que ela era a alma,
de um boi que morreu de fome.

O coronel Sisenando
fazendeiro dono dela,
105 se informando da história
não quis que pegasse ela
disse que morador dele,
não tirasse leite nela.

Agora caro leitor
110 entremos no conteúdo,
o livro tem pouco espaço
para contar-se a meúdo
só num livro muito grande,
poderá se escrever tudo.

115 No ano de vinte e quatro
pouca chuva apareceu,
em todo sertão do norte
a lavoura se perdeu
até o próprio capim,
120 faltou chuva não cresceu.

Então entrou vinte e cinco
o mesmo verão trancado,
morreu muita gente de fome
quase não escapa o gado
125 escapou algumas reses,
lá num ou noutro cercado.

A vaca misteriosa
não houve mais quem a visse,
o dono não se importava
130 que ela também sumisse
podia até pegar fogo
que na fumaça subisse.

A vinte e quatro de Agosto
data esta recciosa,
135 que é quando o diabo pode
soltar-se e dar uma prosa
pois foi nesse dia o parto,
da vaca misteriosa.

Dela nasceu um bezerro
140 um pouco grande e nutrido,
preto da cor de carvão
o pelo muito luzido
representando já ter,
um mês ou dois de na[s]cido.

145 Um vaqueiro da fazenda
assistiu ele nascer,
foi à noite à casa grande
ao coronel lhe dizer
o coronel disse então:
150 — se nasceu deixe crescer.

Em Março de vinte e seis
estava o inverno pesado,
o coronel Sisenando
mandou juntar todo o gado
155 que ele queria saber,
que reses tinha escapado.

Então: a "Misteriosa"
pode vir no meio do gado,
trazia um grande bezerro
160 gordo e muito bem criado
o que era de vaqueiro,
vinha tudo admirado.

Um índio velho vaqueiro
da fazenda do Desterro,
165 disse ao coronel: me falte
a terra no meu enterro
quando aquela vaca for,
a mãe daquele bezerro.

Ali mesmo o coronel
170 tomando nota do gado,
tirou as vacas paridas
das que tinham escapado
soltou a "Misteriosa",
devido a ficar cismado.

175 Com um ano e meio ele tinha
mais de seis palmos de altura
uns chifres grande[s] e côncavos
com um palmo de grossura
o casco dele fazia,
180 barroca na terra dura.

Sumiu-se o dito bezerro
e a vaca "Misteriosa",
depois de cinco ou seis anos
na fazenda Venturosa
185 viram ele com a marca,
da fazenda Santa Rosa.

O vaqueiro conhecendo
o boi ser do seu patrão,
viu que devia pegá-lo
190 que tinha autorização
ajuntou ambas as rédeas,
esperou o alazão.

Partiu em cima do boi
andou perto de pegá-lo
195 com dezoito ou vinte passos
talvez pudesse alcançá-lo
era sem limite o gosto,
que tinha de derrubá-lo.

Mas o boi fez-se no casco
200 e no campo se estendeu,
gritou-lhe o vaqueiro: boi!
tu não sabes quem sou eu
boi que lhe boto o cavalo,
é carne que apodreceu.

205 Com menos de meia légua
estava o vaqueiro perdido,
não soube em que instante
o tal boi tinha se ido
estava o cavalo suado,
210 e já muito esbaforido.

Contarei mais adiante
como quarenta vaqueiros,
correram atrás desse boi
quase dois dias inteiros
215 onde perdeu-se o cavalo,
flor dos cavalos mineiros.

Voltou então o vaqueiro
sem saber o que fizesse,
pensando ao chegar em casa
220 então que história dissesse,
se pegando com os santos,
que o coronel não soubesse.

Contou a outros vaqueiros
o que tinha se passado,
225 dizendo que aquele boi
só sendo bicho encantado
se havia mandinga em boi,
aquele era batizado.

No outro dia seguiram
230 seis vaqueiros destimidos,
em seis cavalos soberbos,
dos melhores conhecidos
pois só de cinco fazendas
poderam ser escolhidos.

235 Veio Noberto de Palmeira
Ismael do Riachão,
Calisto do pé da Serra
Félix da Demarcação
Be[n]venuto do Desterro
240 Zé preto do Boqueirão.

Já tinham ido dizer
na fazenda santa Rosa
que o vaqueiro Apolinário,
da fazenda Venturosa
245 tinha encontrado com o boi,
da vaca misteriosa.

O coronel duvidou
quando contaram-lhe o fato
disse a pessoa: os vaqueiros,
250 já seguiram para o mato
o coronel foi atrás
saber se aquilo era exato.

Disse então Apolinário
que andava campeando,
255 viu um boi preto bem grande
e dele se aproximando,
viu do lado esquerdo um ferro
do coronel Sisenando.

— Pois bem disse o coronel
260 esse garrote encantado
quando desapareceu
inda não estava ferrado
foi-se orelhudo de tudo
nem sequer estava assinado.

265 — Pois tem na orelha esquerda
três moças e um canzil
tem na orelha direita
brinco lascado e funil
o ferro de santa Rosa
270 está nele a marca buril.

Foi onde Apolinário
à tarde o tinha encontrado
pouco adiante estava ele
numa maiada deitado,
275 levantou-se lentamente
como quem estava enfadado.

Aí tratou de correr
em desmedida carreira,
o coronel Sisenando,
280 disse ao vaqueiro Moreira:
— aquele não há quem pegue
voltemos, pois é asneira.

Disse o vaqueiro Noberto:
— eu posso não o pegar
285 porém só me desengano
quando o cavalo cansar
nunca vi boi na igreja
para o padre batizar.

Noberto tinha um cavalo
290 chamado "Rosa do Campo"
Calisto do Pé da Serra,
um chamado "Pirilampo"
o de Apolinário "Cisne"
era da raça de pampo.

Dizia que nunca viu
320 em boi tanta ligeireza,
como no cavalo dele
nunca viu tanta destreza
e disse que um daquele
para o sertão é grandeza.

Tenho setenta e dois anos,
350 em cálculo não tenho um erro,
e disse que me faltasse,
o chão para o meu enterro
quando aquela vaca fosse
a mãe daquele bezerro.

A mãe-d'água do Egito,
380 foi quem deu-lhe de mamar,
a fada da Borborema
tomou-o para criar
na serra do Araripe
foi ele se batizar.

295 O do vaqueiro Ismael,
chamava-se "Persiano",
o do índio Be[n]venuto
chamava-se "Soberano",
Félix tinha um poltro preto
300 chamado "Riso do ano".

325 Perguntou o coronel:
— o boi será encantado?
— não senhor; disse Zé Preto
isso de encanto é ditado
é um boi como outro qualquer
330 só tem que foi bem criado.

355 Disse o coronel: você
é um caboclo cismado,
não deixa de acreditar,
nisso de boi batizado,
e mesmo aquele não é
360 o tal bezerro encantado.

385 O coronel Sisenando
dizia: eu não acredito,
na fada da Borborema
e na mãe-d'água do Egito,
gênio e fada para mim,
390 é um ditado esquisito.

O do vaqueiro Zé Prêto
tinha o nome de "Caxito",
entre todos os cavalos
aquele era o mais bonito
305 era filho de um cavalo
que trouxeram do Egito.

Eram seis horas da tarde,
já estava tudo suado
não havia um dos cavalos
que não estivesse ensopado
335 porque mais de cinco léguas
de um fôlego tinham tirado.

— Não é? ora se não é,
veremos se é ou não
vossa senhoria ajunte,
os vaqueiros do sertão,
365 do rio da prata ao Pará,
e depois me diga então.

Quarenta e cinco vaqueiros
saíram ao campo caçá-lo,
dizia o índio: só hoje
você podiam encontrá-lo,
395 no dia de sexta-feira
dou um doce a quem achá-lo.

Era meio-dia em ponto
quando formaram carreira
o boi fazia na frente
310 uma nuvem de poeira
nos riachos ele pulava
de uma a outra barreira.

O coronel Sisenando
disse: vamos descansar,
vaqueiro de agora em diante,
340 tem muito que trabalhar
eu só descanso a meu gosto
quando esse boi se pegar.

Disse o coronel: caboclo
Zé Preto não pegou nele?
— ora... pegou coronel
370 mas não sabe quem é ele
dou a vida se houver um
que traga um cabelo dele.

E de fato nesse dia
nem o rasto dele viram
voltaram para [a] fazenda
400 no outro dia partiram,
às nove horas do dia,
no rasto dele seguiram.

Zé Preto do Boqueirão
foi quem mais se aproximou
315 inda pegou-lhe na cauda,
porém não o derrubou
ficou tão contrariado
que depois disso chorou.

Disse o índio Be[n]venuto,
— coronel se desengane
345 esse boi não é pegado
nem que o diabo se dane,
cavalo não chega a ele
inda que por mais se engane.

Eu digo com consciência
senhor coronel Sisenando,
375 o boi é misterioso
para que está lhe enganando?
o boi é filho de um gênio
uma fada o está criando.

Na garganta de uma serra,
acharam ele deitado,
405 à sombra de uma arueira,
estando ali tão descuidado
pulou instantaneamente,
na rapidez de um veado.

O boi entrou na caatinga,
410 que não procurava jeito
mororó jurema-branca
ele levava de oito
rolava pedra nos cascos
quebrava angico no peito.

Então disse o coronel,
440 — existe aqui um mistério
antes de haver esse boi
você não era tão sério!
você fez do boi uma alma,
e do campo um cemitério.

415 Disse Fernandes de Lima
um dos vaqueiros, paulista:
— de todos esses cavalos
não há mais um que resista
dormimos aqui, convém
420 ninguém perdê-lo de vista.

445 Be[n]venuto respondeu:
— haja o que houver vou embora
querendo me dispensar,
pode me dizer agora
vá quem quiser eu não vou
450 não posso mais ter demora.

Dormiram todos ali
naquele campo tão vasto
peiraram a cavalgadura
deixaram ganhar o pasto
425 às seis horas da manhã
seguiram logo no rasto.

Andaram duzentos metros
logo adiante foram vendo
um vaqueiro disse: olhe
o boi ali se lambendo;
455 também não houve um vaqueiro
que não partisse correndo.

O cavalo “Soberano”
ao ver o rasto do boi
gemeu e pulou para trás
430 e o índio gritou: oi!
deixando os outros vaqueiros
correu para trás e foi.

O campo tinha uma légua
sem ter nele um pé de mato
o boi corria pulando,
460 que só veado ou um gato,
então fazia uma sombra,
pouco maior que a de um rato.

Disse o índio Be[n]venuto:
— eu não posso campear
435 o cavalo está doente
e preciso descansar
faz muitos dias que corro,
e eu preciso voltar.

Disse o Lopes do Exu
juro à fé de cavalheiro
465 não sairei mais de casa
chamado por fazendeiro,
vendo o cavalo e a sela,
e deixo de ser vaqueiro.

Às cinco horas da tarde,
470 se resolveram voltar,
então os cavalos todos
não podiam mais andar
os vaqueiros não podiam,
tanta fome suportar.

Era um cavalo caxito,
500 tinha uma estrela na testa,
vaqueijada que ele ia,
aí, tornava-se em festa
ganhou numa apartação
nome de “Rei da Floresta”.

475 Voltaram para a fazenda
e tornaram a contratar
a 21 de novembro,
cada um ali chegar,
o coronel Sisenando
480 mandaria os avisar.

505 Chegou então o vaqueiro
saudou todos dali
perguntou: qual dos senhores
é o coronel aqui?
apontaram o coronel
510 e disseram: é esse aí.

O coronel Sisenando
homem muito caprichoso
tirou três contos de réis
disse é para o venturoso,
485 que venha a esta fazenda
pegue o boi misterioso.

O coronel perguntou-lhe:
— de que parte é o cavalheiro?
— eu sou de Minas Gerais
seu criado é um vaqueiro,
515 vim porque soube, que aqui,
existe um boi mandingueiro.

A 21 de novembro
venceu-se o trato afinal,
a fazenda santa Rosa,
490 estava como um arraial
ou uma povoação
numa noite de Natal.

Disse o coronel: existe,
esse boi misterioso
tem-se corrido atrás dele
520 ele sai vitorioso
já tem saído daqui
vaqueiro até desgostoso.

Já um criado chamava,
o povo para o almoço
495 quando viram ao longe um vulto
divulgaram ser um moço
então vinha num cavalo,
que parecia um colosso.

— Queria ver esse boi
disse sorrindo o vaqueiro,
525 tenho vinte e quatro anos
nunca vi boi feiticeiro
disse o coronel: pegando
ganha avultado dinheiro.

Quem pegá-lo em pleno campo
530 disse aí o coronel:
ganhará pago por mim
um relógio e um anel,
tem mais três contos de réis
em ouro prata ou papel.

535 Salvo se alguém o pegar
quando ele estiver doente
ou lhe atirando de longe
isso é cousa diferente,
há de o pegar pelo pé
540 ele bom perfeitamente.

Disse o coronel: nós tínhamos
inda [há] pouco contratado
para irmos hoje ao campo,
visto o senhor ter chegado
545 vamos descansar dois dias,
o senhor está enfadado.

Descansaram o dia de sábado
domingo, segunda e terça
disse o coronel: à tarde
550 quem for vaqueiro apareça
sairemos quarta-feira
antes que o dia amanheça.

Na quarta-feira seguiram
como tinham contratado,
555 o povo que o coronel,
à tarde tinha avisado
eram dez horas do dia,
inda acharam o boi deitado.

Disse o vaqueiro de Minas,
560 — perdi de tudo a viagem
eu pegando um boi daquele
não contarei pabulagem
para o cavalo em que venho
inda dez não é vantagem.

565 Pensei que fosse maior
segundo o que ouvi falar,
parece até um garrote
que criou-se sem mamar
um bicho manso daquele
570 faz pena até derrubar.

Porém o cavalo aí
viu o boi se levantar,
estremeceu e bufou
fastou e quis acuar
575 que deu lugar ao vaqueiro
daquilo desconfiar.

Aí chegou-lhe as esporas
e o cavalo partiu
em menos de dois minutos
580 o boi também se sumiu
deu uns três ou quatro pulos
ali ninguém mais o viu.

Então entrou na caatinga
e o vaqueiro também
585 por dentro dum cipoal
que não passava ninguém
eram estalos medonhos
naquelas grutas além.

Eram seis horas da tarde
590 estava o grupo reunido,
sem saberem do vaqueiro
que atrás do boi tinha ido,
via-se a batida apenas
por onde tinham seguido.

595 Um dizia: ele morreu
outro; que tinha caído
outro dizia: o vaqueiro,
arrisca-se ter fugido
não pode pegar o boi
600 voltou de lá escondido.

Acenderam o facho e foram
por onde eles tinham entrado
achando sempre o roteiro
por onde tinham passado
605 o coronel Sisenando
já ia desenganado.

Passando de meia-noite
gritaram; ele respondeu,
o coronel acalmou-se
610 e disse: ele não morreu
porém o grito era de longe
que quase não se entendeu.

Três horas da madrugada
foi que puderam achar
615 mas o cavalo caído
não pode se levantar
e ele contrariado
sem poder quase falar.

O coronel perguntou-lhe
620 o que tinha sucedido
respondeu que tal desgraça,
nunca tinha acontecido,
dizendo: antes caísse
e da queda ter morrido.

625 O cavalo em que eu vim,
ninguém nunca o viu cansado
correu um dia seis léguas
inda não chegou suado
e da carreira de hoje
630 ficou inutilizado.

Não volto a Minas Gerais,
porque chego com vergonha
os vaqueiros lá esperam
uma notícia risonha
635 eu chegando lá com essa,
dão-me uma vaia medonha.

Menos de cinquenta passos
ainda me aproximei dele
ainda estirei a mão
640 mas não pude tocar nele
apenas posso dizer
não sei que boi é aquele.

Nunca vi boi correr tanto
com tanta velocidade
645 só lampejo de relâmpago
em noite de tempestade,
nem peixe n'água se move
com tanta facilidade.

Ele é um boi muito grande
650 seu corpo é demasiado
não sei como corre tanto,
dentro de um mato fechado
por isso é que muitos pensam,
que seja um boi encantado.

655 O coronel disse aí:
— acho bom tudo voltar
disse o vaqueiro de Minas:
não precisa descansar
veja se dão-me um cavalo
660 que vou me desenganar.

O coronel Sisenando
chamou Mamede Veloso
lhe disse: Mamede vá
na fazenda do Mimoso,
665 diga ao vaqueiro que mande
o cavalo “Perigoso”.

Diga que mate uma vaca
leve queijo e raspadura.
e vá esperar por nós
670 na fazenda da Bravura
diga que somos sessenta
leve jantar com fartura.

O vaqueiro cumpriu tudo
que seu amo lhe ordenou,
675 deu o cavalo a Mamede
puxou a vaca e matou
às onze horas do dia
então Mamede chegou.

Trouxe um cavalo cardão
680 com espécie de um rudado
disse o vaqueiro de Minas:
oh bicho do meu agrado
lhe disseram: o nome dele
foi muito bem empregado.

685 O vaqueiro levantou-se
com o guarda-peito no ombro
se aproximou do cavalo
passou-lhe a mão pelo lombo
o cavalo deu um sopro
690 que quase causa-lhe assombro.

Então o vaqueiro disse:
eu vou experimentar
se o cavalo Perigoso
presta para campear,
695 disse então o coronel:
cuidado quando montar.

Veja que ele já matou
com queda quatro vaqueiros
os que causaram mais pena
700 foram dois piauizeiros
então respondeu o Sérgio:
não eram bons cavaleiros.

Quando o vaqueiro montou
o cavalo se encolheu
705 ele chegou-lhe as esporas
o sangue logo desceu
quase três metros de altura
ele da terra se ergueu.

Mas o vaqueiro era destro
710 ali não desaprumou,
chegou de novo as esporas
ele de novo pulou
esse pulo foi tão grande,
que tudo se admirou.

715 Fez uma curva no salto
tirou pelo quarto a sela,
o vaqueiro era um herói
saltou apumado nela
dizendo: hoje achei um testo,
720 que deu na minha panela.

Saltou mas não afrouxando
ambas rédeas do cavalo,
sabia que se o soltasse
ninguém podia pegá-lo
725 dizendo o cavalo serve,
vou logo experimentá-lo.

Selou de novo o cavalo
e tornou a se montar,
tanto que o coronel disse:
730 — este sabe cavalgar
o cavalo conheceu,
ali não quis mais saltar.

Passava de meio-dia
quando os vaqueiros saíram,
735 acharam o rasto do boi
todos sessenta seguiram
adiante encontraram ele,
no limpo que todos viram.

Sérgio o vaqueiro de Minas
740 foi o primeiro que viu;
perguntou: será aquele
que dali do mato saiu?
todos disseram: é aquele,
aí o Sérgio partiu.

745 Deu de esporas ao “Perigoso”
e nada quis mais dizer,
o boi olhou para o povo
também tratou de correr
o mato abriu e fechou,
750 ninguém mais o pode ver.

Então quando o boi correu
procurou logo a montanha
todos disseram: hoje o boi
talvez não conte façanha
755 o cavalo “Perigoso”
agora fica sem manha.

Com meia légua se ouvia
galho de pau estalar,
a tropelada do boi
760 pedra do monte rolar
se ouvia perfeitamente,
o “Perigoso” bufar.

Entraram o vaqueiro e o boi
no mato mais esquisito,
765 de vez em quando o vaqueiro
por sinal soltava um grito
tanto que o coronel disse,
já vi campear bonito.

O boi subiu a montanha
770 sem saber por onde ia,
e o vaqueiro já perto
de vista não o perdia
o cavalo "Perigoso",
com mais desejo corria.

775 Descambaram a Serra Verde
o boi entrou num baixio,
depois saiu na campina
entrou na ilha de um rio
em lugar que outro vaqueiro,
780 em olhar sentia frio.

Porém o vaqueiro disse:
— aonde entrares eu entro,
se tu entrares no mar
viro-me em peixe e vou dentro
785 alguém que for procurar-me,
acha-me morto no centro.

O boi com facilidade
o trancadilho rompeu,
quase no centro do vale
790 o vaqueiro conheceu
o cavalo "Perigoso",
da carreira adoeceu.

— Diabo, disse o vaqueiro
está doente o "Perigoso"!
795 ah! boi do diabo enfim
te chamas misterioso
eu puxei bem a meu pai,
que morreu por ser teimoso.

Voltou para o campo limpo
800 o cavalo tão suado,
com um talho no pescoço
um casco quase furado
de uma forma que o vaqueiro,
não pode voltar montado.

805 Às oito horas da noite
vieram os outros chegar,
a estrada que o boi fez
deu para tudo passar
cinquenta e nove cavalos,
810 sem nenhum se embaraçar.

— Colega quedê o boi?
perguntou o Sisenando,
o Sérgio se levantou
e respondeu espumando:
815 — coronel eu já pensei,
que só me suicidando.

— Suicidar-se por quê?
o Sérgio então respondeu:
— o coronel está vendo
820 o que já me aconteceu
matei meu cavalo aqui,
inutilizei o seu.

Disse o coronel: faz pena
"Perigoso" se acabar,
825 porém é nosso eu paguei-o
ninguém vem mais o cobrar
e dou vinte pelo seu,
se dois ou três não pagar.

Eram sessenta cavalos
830 uns de diversos sertões,
e todos esses não iam
a todas as apartações
em vaqueijadas garbosas,
mostraram lindas ações.

835 Havia um cavalo ruço
chamado "Paraibano",
"Carioca" "Rio Grandense"
"Paturi" e "Pernambucano"
"Paulista" e "Vitoriense",
840 "Flor do Prado" e "Sergipano".

"Pombo roxo" e "Papagaio"
"Flor do Campo" e
["Catingueiro",
"Socó-Boi" e "Canário Verde"
"Patola" e "Piauizeiro"
845 "Águia Branca" e "Poltro
[D'água",
"Flecha-Peixe" e "Campineiro".

E outros que aqui não pode
seus nomes mencionar,
disse o historiador
850 era impossível lembrar
é melhor negar o nome,
do que depois se enganar.

Não tinha um desses todos
que não fosse conhecido,
855 em diversas vaqueijadas
já não tivesse corrido
até seus donos já tinham,
medalhas adquirido.

Voltaram para a fazenda
860 onde a gente era esperada,
ainda estavam esperando
o povo da vaqueijada
mas não houve um dos vaqueiros,
que se servisse de nada.

865 Assim que deu meia-noite
foram para Santa Rosa,
a mulher do coronel
os esperava ansiosa
sabia que a vaqueijada,
870 era muito perigosa.

Quando foi no outro dia
depois de terem almoçado,
disse o Sérgio: coronel
eu estou causando cuidado
875 me arrume qualquer cavalo,
ou vendido ou emprestado.

O coronel mandou ver
um cavalo lhe ofereceu,
foi ver um conto de réis
880 em ouro e prata lhe deu
ele pedindo licença,
não quis, e lhe agradeceu.

— Eu vim atrás desse boi
não foi devido ao dinheiro,
885 eu vim porque tenho gosto
nessa vida de vaqueiro
se eu não morrer inda mostro,
quanto vale um cavaleiro.

O coronel disse a ele:
890 — eu fico penalizado,
não digo que se demore
porque seu pai tem cuidado
veja se volta em Janeiro,
que se acha preparado.

895 Então o Sérgio saiu
não pode se demorar,
o coronel Sisenando
não deixou mais de pensar
por que forma aquele boi,
900 ninguém podia pegar.

Chamou um escravo e disse
monte num cavalo e vá,
à fazenda do Desterro
diga ao vaqueiro de lá
905 que eu mando dizer a ele,
que sem falta venha cá.

O escravo cumpriu logo
o dever de portador,
achou a casa fechada
910 perguntou a um morador
se sabia do vaqueiro
esse disse: não senhor.

Então o morador disse:
— na noite de Sexta-feira,
915 o índio foi ao curral
deixou aberta a porteira
saiu montado a cavalo,
e levou a companheira.

Voltou o escravo e disse
920 tudo que tinha sabido,
que na sexta-feira à noite
o índio tinha saído
e carregou a mulher,
como quem sai escondido.

925 — Inda vá mais esta agora!
o coronel exclamou,
aquele bruto saiu
e nem me comunicou
que diabo teve ele,
930 que até o gado soltou?

No outro dia foi lá
achou a casa fechada,
então a porta da frente
tinha ficado cerrada
935 até a mala da roupa,
inda estava destrancada.

O fazendeiro com isso
ficou muito constrangido,
pensava logo em um crime
940 que pudesse ter havido
o índio não tinha causa,
por que saísse escondido.

Então mandou gente atrás
pelo mundo a procurar,
945 não achou uma pessoa
que dissesse eu vi passar
em todo sertão que havia,
ele mandou indagar.

Então o povo dizia
950 que o índio era feiticeiro,
e uma fada pediu-lhe
que não fosse mais vaqueiro,
a fada transformou ele,
em um veado galheiro.

955 Os faladores diziam
que ele foi assassinado,
ou talvez o coronel
tivesse mesmo mandado
matar ele e a mulher,
960 para ficar com o gado.

Outros diziam ao contrário
até juravam que não,
os dois cavalos do índio
onde botaram então?
965 mesmo assim o coronel,
não fazia aquela ação.

Bem encostadinho ao índio,
uma velha fiandeira,
morava numa casinha
970 e fiava a noite inteira
disse que quase se assombra,
ali numa Sexta-feira.

Disse: à meia-noite em ponto
eu ainda estava fiando,
975 em casa do Benvenuto
eu ouvi gente falando
espiei por um buraco,
vi chegar um boi urrando.

A velha disse: Deus mande
980 a cascavel me morder,
se de lá de minha casa
não ouvi o boi dizer
boa noite Benvenuto,
eu só venho aqui te ver.

985 O boi disse outras palavras
que eu de lá não pude ouvir
o caboc[1]o e a mulher
disso ficaram a sorrir
o boi o índio e a mulher,
990 todos três eu vi sair.

Aí fui guardar o fuso
e a cesta de algodão,
credo-em-cruz dizia eu
aquilo é arte do cão
995 são cousas do fim do mundo,
bem diz frei Sebastião.

O coronel a princípio
inda não acreditou,
porém depois refletindo
1 000 uma ação que o índio obrou
quando rastejavam o boi,
o índio não foi, voltou.

Então desse dia em diante
o boi ninguém mais o viu
1 005 não houve mais quem soubesse
onde ele se sumiu
foi igualmente à fumaça,
que pelos ares subiu.

1 010 Como o índio e a mulher
tudo desapareceu,
tanto que diziam muitos
que o diabo os escondeu
durante dezesseis anos,
novas deles ninguém deu.

1 015 Sérgio o vaqueiro de Minas
todos os meses escrevia,
perguntando ao coronel
se o boi ainda existia
dizendo quando quiser,
1 020 me escreva marcando o dia.

Faziam dezesseis anos
que o boi estava sumido,
até por muitas pessoas
ele já estava esquecido
1 025 quase todos de lá pensavam,
que ele tivesse morrido.

O coronel Sisenando
tinha como devoção,
festejar todos os anos
1 030 a imagem de São João
todo ano era uma festa
não havia ex[c]epção.

Uma noite de São João
na fazenda Santa Rosa
1 035 só na noite de Natal
estaria tão venturosa
porque em todo sertão,
aquela era a mais garbosa.

Três classes ali dançavam
1 040 em redobrada alegria,
no salão da casa grande
os lordes da freguesia
em latada de capim,
a classe pobre que havia.

1 045 O leitor deve saber
do estilo do sertão,
o que não fizer fogueira
na noite de São João
fica odiado do povo,
1 050 tem fama de má cristão.

O coronel Sisenando
derrubou uma arueira,
e vinte e oito pessoas
carregaram essa madeira
1 055 para o pátio da fazenda,
e fizeram uma fogueira.

Estava a noite vinte e três
do mês do Santo Batista
como outra no sertão,
1 060 nunca tinha sido vista
não faltava ali a música,
discurso e fogo de vista.

Estava o povo todo ali
uns dançando outros bebendo
1 065 um prazer demasiado
em tudo estava se vendo
mais de cinquenta pessoas
assando milho e comendo.

Meia-noite mais ou menos
1 070 ponde o povo calcular,
o galo pai do terreiro
estava perto de cantar
quando viram um touro preto
no pátio se apresentar.

1 075 Meteu os cascos na terra,
cobriu tudo de poeira
soltou um urro tão grande
que ouviu-se em toda ribeira
deixou em cima da casa
1 080 todas as brasas da fogueira.

Dos cachorros da fazenda
nem um sequer acudiu
o gado urrava com medo,
parte do povo fugiu
1 085 o coronel Sisenando
foi o único que saiu.

Inda viu o vulto dele
que pelo pátio ia andando
chamou os cachorros todos
1 090 esses fugiam uivando
o povo todo em silêncio
já muitos se retirando.

Então acabou-se a festa
o povo se debandou
1 095 os moradores de perto,
lá um ou outro ficou,
aquele clarão garboso,
em escuro se tornou.

No outro dia às dez horas,
1 100 o coronel Sisenando
estava com a mulher
no alpendre conversando
quando o índio Benvenuto
chegou e foi se apeiando.

1 105 O coronel exclamou
— índio velho desgraçado
você saiu escondido
me dando tanto cuidado
por causa disso até hoje
1 110 eu vivo contrariado.

Então perguntou o índio
pegaram o misterioso,
que atrás dele até morreu,
o cavalo “Perigoso”?
1 115 respondeu o coronel:
— sumiu-se aquele tinhoso.

Então disse o coronel:
— você hoje há de dizer
aquele boi o que é
1 120 que só você pode saber
se fizer-me esse favor
tenho que lhe agradecer.

— De nada sei coronel
o índio lhe respondeu,
1 125 — sabe disse o coronel
e contou o que se deu,
disse: quando o boi sumiu-se,
você desapareceu.

Zé Preto do Boqueirão
 1 130 nesse momento chegou,
 e disse: senhor coronel
 me diga o que se passou
 eu soube de um fato hoje
 que já me contrariou.

1 135 Então disse o coronel
 — foi uma cena horrorosa
 inda estou contrariado
 minha mulher desgostosa
 não sei que negócio tem
 1 140 o diabo em santa Rosa.

Disse Zé Preto: eu também
 venho aqui bem receioso,
 o coronel me conhece
 vê que não sou mentiroso,
 1 145 inda agora quando vinha
 vi o boi misterioso.

Na maiada do Balão
 passei vi ele deitado,
 foi o boi que veio aqui,
 1 150 eu fiquei desconfiado
 porque vi o chifre dele,
 e parece está queimado.

Sérgio o vaqueiro de Minas.
 nesse momento chegou,
 1 155 disse: senhor coronel
 às suas ordens estou
 pois recebi o recado
 que o coronel me mandou.

Disse o Sérgio: eu recebi
 1 160 do coronel um recado
 para o dia vinte e sete
 estava o povo contratado,
 pois o boi misterioso,
 já tinha sido encontrado.

1 165 Então disse o coronel,
 que recado ele mandou
 ali contou a meúdo
 a cena que se passou
 e disse: Zé Preto agora
 1 170 me disse que o encontrou.

Nisso chegou um vaqueiro,
 um caboclo curiboca
 o nariz grosso e roliço,
 em forma de uma taboca
 1 175 em cada lado do rosto
 tinha uma grande pipoca.

— Bom dia!... senhor coronel
 disse o tal recém-chegado
 — tenha o mesmo cavalheiro
 1 180 respondeu desconfiado
 dizendo dentro de si:
 — de onde é este danado?

O coronel perguntou-lhe:
 — de que parte é o cavalheiro?
 1 185 — do sertão de Mato Grosso
 respondeu o tal vaqueiro,
 — a que negócio é que vem?
 perguntou-lhe o fazendeiro.

— Meu patrão é bom vaqueiro
 1 190 disse-lhe o desconhecido
 soube que dessa fazenda
 um tal boi tinha sumido
 mandou-me ver se esse boi,
 já lhe tinha aparecido.

1 195 E se o coronel quisesse
 que eu fosse ao campo pegá-lo,
 eu garanto ao coronel
 se o vir hei de derrubá-lo,
 o patrão por segurança
 1 200 mandou-me nesse cavalo.

Este cavalo não sai
 daqui desmoralizado
 neste só monta o patrão,
 ou eu quando sou mandado
 1 205 é um poltro está mudando
 porém é condecorado.

O cavalo era mais preto
 do que uma noite escura
 até os outros cavalos
 1 210 temiam aquela figura
 o corpo muito franzino
 com oito palmos de altura.

Tinha os olhos cor de brasa
 os cascos como um formão
 1 215 marcado com sete rodas
 da junta da pá à mão
 e tinha no lado esquerdo,
 sete sinos-Salomão.

— Pois bem, disse o coronel
 1 220 amanhã temos de ir
 mande avisar aos vaqueiros
 creio que tudo há de vir,
 às seis horas da manhã,
 nós havemos de seguir.

1 225 Cinquenta e nove vaqueiros
 às oito horas chegaram
 todos tiraram as selas
 os seus cavalos peiaram
 ceiaram armaram as redes
 1 230 no alpendre se deitaram.

Mas o caboclo não quis
 peiar o cavalo dele,
 não quis ceiar e passou,
 a noite encostado a ele,
 1 235 dizendo que não apeiava-o
 por não confiar-se nele.

De manhã todos seguiram,
 o caboclo foi na frente,
 o coronel notou logo
 1 240 nele um tipo diferente
 e disse: se houver diabo
 esse é um certamente.

Foram aonde Zé Preto
 de véspera tinha deixado,
 1 245 naquele mesmo lugar
 inda estava ele deitado
 levantou-se espreguiçando
 e não ficou assustado.

Depois de se levantar
1 250 cavou o chão e urrou,
o urro foi tão esquesito
que tudo ali se assustou
o cavalo do caboclo,
cheirou o chão e rinchou.

1 255 Tratou o boi de correr
e subiu logo um oiteiro,
por lugar que era impossível
subir nele um cavaleiro
de cinqüenta e nove homens,
1 260 só foi lá o tal vaqueiro.

Então o caboclo disse:
— pode correr camarada,
vamos ver quem tem mais força
se é o patrão, ou a fada
1 265 eu não chego a meu patrão,
contando história furada.

Você bem vê o cavalo
que eu venho montado nele,
e conhece meu patrão
1 270 sabe que o cavalo é dele
o boi aí se virou,
e olhou bem para ele.

Aí desceu do oiteiro
em desmarcada carreira,
1 275 deixando por onde ia
uma nuvem de poeira
o curiboca gritou-lhe:
— não corra que é uma asneira.

Então saíram no campo
1 280 onde tudo se avistava,
o cavalo do caboclo
fogo das ventas deitava
dava sopros na campina,
que tudo ali se assombrava.

1 285 O coronel disse a todos:
— devemos seguir atrás,
está decidido ali
anda a mão de Satanás
convém agora nós vermos,
1 290 que resultado isso traz.

Bem no centro da campina
havia uma velha estrada,
feita por gado dali
porém já estava apagada
1 295 depois com outra vereda
fazia uma encruzilhada.

Iam o vaqueiro e o boi
pela dita cruz passar,
ali enguiçava a cruz
1 300 ou tinha então de voltar
devido aos outros vaqueiros,
não havia outro lugar.

Mas o boi chegando perto
não quis enguiçar a cruz,
1 305 tudo desapareceu
ficou um foco de luz
e depois dela, saíram,
uma águia e dois urubus.

Tudo ali observou
1 310 o caso como se deu,
dizem que a terra se abriu
e o campo estremeceu
pela abertura da terra
viram quando o boi desceu.

1 315 Voltaram todos os vaqueiros
o coronel constrangido,
pelo boi e o tal vaqueiro
terem desaparecido
sem ninguém ali saber,
1 320 como tinha sucedido.

O coronel Sisenando
ficou tão contrariado,
que vendeu todas fazendas
e nunca mais criou gado
1 325 houve vaqueiros daqueles,
que um mês ficou assombrado.

Inda hoje lá se vê
em noite de trovoadas,
a vaca misteriosa
1 330 naquelas duas estradas
duas mulheres chorando,
onde as cenas foram dadas.

FIM-RECIFE, 10-4-948

COMENTÁRIOS

- 13 — Notar o gerúndio condicional, *indo*, i.e., se fosse.
29 — muitos vendia(m) os cavalos.
38 — *estava* por *tava*. Idem vv. 206, 209, 262, 264, 273, 276, 490, 974, 1057, 1063, 1072, 1162.
45 — na | ÉPOCA | em que | o povo.
57 — Hiatização. Ver outros casos de hiatização, vv. 64, 105, 106, 130, 207, 254, 312, 506, 623, 625, 848, 849, 959, 987, 1009, 1018, 1046, 1059, 1102, 1208, 1230, 1242, 1312.
68 — *arvoredo*, i.e., *árvore*, ocorrente em várias regiões do Brasil.
83 — disse o touro: monte(m) em mim.
88 — Notar o *que* consecutivo. Idem vv. 410, 738.
99 — uns chamavam(-na) Feiticcira.
100 — outro(s) a vaca lubisomem. Notar a rima *lubisomem* e *fome* (v. 102).
123 — morreu muita gente (de) fome (?). Teria ocorrido haplogia com as homógrafas *te* e *de*?
127/128 — Notar o objeto direto pleonástico.
132 — Notar o uso clássico do imperfeito do subjuntivo pelo futuro do passado, i.e., *subiria pela fumaça* que equivale a: não se incomodaria.